

Review

Author(s): Ênio Aloisio Fonda

Review by: Ênio Aloisio Fonda

Source: *Revista de Letras*, Vol. 7 (1965), pp. 232-235

Published by: UNESP Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/27665972>

Accessed: 12-01-2016 05:40 UTC

---

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.



UNESP Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Revista de Letras*.

<http://www.jstor.org>

Que esta obra desperte no espírito dos universitários brasileiros e dos leitores em geral o interesse pela Antigüidade Clássica e que o reforce ou estimule. Possa igualmente suscitar entusiasmo a proeza científica dêste brasileiro que, pela primeira vez, brindou com uma obra de real valor especialmente os estudantes de Letras e de História das nossas Faculdades.

ÊNIO ALOISIO FONDA

APULEIO — *O Asno de Ouro*. Introdução, tradução e notas de RUTH GUIMARÃES. São Paulo, Editôra Cultrix, 1963, 235 p.

As letras latinas legaram-nos sob o triplice e tradicional titulo *Lúcio*, *Metamorfoses*, *Burro* ou *Asno de Ouro* um dos romances mais curiosos, da autoria de Apuléio de Madaura, cujo encanto principal repousa, ao que parece, na sua composição. Apesar da sua antigüidade, o livro do madaurense continua extraordinariamente vivo e encantador. A parte mais extensa (8 livros) coincide na matéria com outro romance, atribuído a Luciano, escrito em grego, e também intitulado *Lúcio*. O romance de Apuléio é uma coleção de novelas, coligidas sob a forma de extensa narração do tipo do *Satiricon* de Petrónio, onde são narradas as façanhas de um certo Lúcio, transformado por magia em burro e finalmente levado à primitiva semelhança humana meses depois, quando devora uma grinalda de rosas consagradas à deusa Ísis. Ao argumento principal se juntam muitas outras aventuras, ora trágicas e austeras, ora cômicas e mundanas, ora fesceninas e devotas, ora sentimentais e líricas, mas sempre aventurosas. O último livro (XI) narra a iniciação do protagonista nos Mistérios de Ísis; é, por ventura, a fonte mais abundante de que dispomos para o conhecimento dêsse culto famoso. Enfim, na extensão de dois livros (parte do IV e do VI e todo o livro V) dá-nos Apuléio o único relato do mito de *Eros* e *Psyche*.

Na composição do *Asno de Ouro* têm incidido os mais diversos juízos críticos, prevalecendo, todavia, o que resulta da composição das versões de Apuléio e Luciano. Neste caso, a opinião da critica, tanto desfavorece o escritor latino, censurando-o de haver desfigurado a fábula com impertinente misticismo, quanto louva o escritor grego porque soube convertê-la em deliciosa sátira dos costumes da sociedade antiga.

Ao lermos o *Lúcio* latino, compreendemos que dificilmente se possa harmonizar o jeito grotesco das primeiras páginas com a solenidade hierática das últimas. Compreendemos, portanto, a censura que resulta da comparação com o *Lúcio* grego, onde a tonalidade humorística se mantém da primeira à última página, e que quanto mais se assemelham as aventuras do asno, paralelamente desenvolvidas nos dois romances, tanto mais díspares se nos afiguram o mito de Psique e a iniciação isíaca, de modo que no romance de Apuléio chegarão êstes episódios a ser considerados como supérfluos e até artificiais e artificiosos. Sê-lo-iam, de fato, se o fito do escritor latino coincidissem com o do escritor grego; mas não se pode crer que Apuléio pretendesse apenas divertir os leitores. Correndo embora o risco de exceder o autêntico significado do romance, devemos presumir que as deficiências estru-

turais ocultam o propósito coesivo daquelas suas partes heterogêneas, e que sendo assim, o problema *literário* converte-se num problema *fenomenológico*. Luciano, ou outro que seja o autor do *Lúcio* grego, explorou somente o lado ridículo de um sortilégio malogrado e das subsequentes aventuras de um mago aprendiz; mas o autor do *Lúcio* latino quis trazer à tona um dos abismais enigmas do *ser*. Os confins do cômico e do trágico, do riso e das lágrimas, da vida e da morte só se fixam no quotidiano. Mas o lado da "história" ficou sinalado no *Asno de Ouro* pelo mito de Amor e Psique: Lúcio e Psique, ambos vítimas da curiosidade e da ignorância, da ingênua aspiração humana ao "alargamento" e "aprofundamento" do horizonte natural, percorrem juntos trajetórias paralelas do Destino.

A característica mais notável dêsse livro esquisito é a espontaneidade de um estilo vivacíssimo, harmônico e adaptado aos tipos dos diversos episódios. Seu autor, como a sua época, é cheio de contraste e contradições: sério e frívolo, devoto e libertino ao mesmo tempo, e grande apreciador dos jogos de palavras, custosos para se traduzirem.

O leitor encontrava até bem pouco tempo o romance do ilustre africano de Madaura na única tradução de Francisco Antônio de Campos, Barão de Vila-Nova de Fazcoa, sob o título *Burro de Ouro* publicada anonimamente, em 1847, em Lisboa, e que escrevera quando homiziado por motivos políticos. Era, salvo grave erro do resenhista, a primeira tradução em vernáculo do romance apuleiano até o momento em que uma nova e magnífica tradução d'O *Asno de Ouro* veio surpreender de certa forma os amantes das letras latinas no Brasil. De fato, traduções de textos clássicos já não se faziam mais no Brasil desde que duas editôras, *Atena* e *Cultura*, tentaram, debalde, há alguns lustros, despertar o interesse pelas obras imortais dos mais eminentes escritores latinos.

O romance de Apulêio lançado pela *Editôra Cultrix* em tradução da conhecidíssima professora Ruth Guimarães é, indubitavelmente, um livro frívolo. Mas não é minha intenção enfrentar aqui a questão da moral na arte literária, nem pretendo demorar-me na definição daquilo que nas belas letras seja pornográfico, porque defendo a opinião de que se devam publicar obras de arte e de pensamento cuja excelência seja tal que consigam resistir ao tempo e que se presume continuem a resistir.

Está fora de dúvida que o romance do madaurense constitua, ainda hoje, uma notável e interessante obra de arte, porque, não se sentisse a necessidade presente de dar no Brasil divulgação em vernáculo de uma obra como esta, teríamos bastas provas nas inúmeras traduções que dela se fizeram e se fazem repetidamente nas principais línguas européias.

Ruth Guimarães veio assim restabelecer em nossa terra o louvável empreendimento de traduzir páginas de literatura que inegavelmente perfazem a criação romanesca mais amena, intercalada com o erótico-fantástico e sensualmístico, e que junto com o *Burro* de Luciano, obra escrita em língua grega, e o *Satiricon* do romano Petronônio, representa para a crítica literária da atualidade o mais antigo modelo desta modalidade literária na longa história do romance universal.

Escusar-me-ia em debater os problemas que a tradutora brasileira, sem dúvida, terá encontrado ao longo das páginas de Apulêio para reproduzi-las em linguagem moderna, mas, como poucos leitores talvez conheçam a espinhosa arte de traduzir, dificilmente distinguiriam os méritos ou os defeitos que a

tradução duma obra clássica possa ter, caso não se lhes apresentassem os óbices que o romance de Apuléio oferece até ao mais exímio latinista.

Na tradução de Ruth Guimarães encontrará o leitor não só uma narrativa de amor como também uma "história" romanceada. Encontra-la-á com o vigor que só a proximidade da fonte proporciona, e sem as dificuldades do original latino.

Foi árdua a missão da tradutora, porque a linguagem, a fraseologia e o estilo de Apuléio precisam de luzes exteriores para serem traduzidos e retransmitidos em sua plenitude original. Mas Ruth Guimarães soube refundir isso tudo e cristalizar o trinômio com uma interpretação genuína que reflete os sinais expressivos nos quais o romance apuleiano se atua.

Palavras obsoletas e até ousadamente inventadas; arcaísmos, vulgarismos, diminutivos usados em profusão; circunloquções por meio de abstratos; amplificação de adjetivos; aliteraões, assonâncias e rimas; longa série de termos morfológica e harmônicamente paralelos; complexa articulação de fraseados, empolação, estilo desigual e barroco: êsses são em geral os defeitos que os criticos atribuem ao original latino. Mas apesar disso reconhecem-lhe, contudo, virtudes compensatórias: parte descritiva de grande efeito, alcançado na busca e na obtenção desejada pela riqueza de palavras que traduzem vivíssimo colorido, a luz que refletem certas frases, a agudeza surpreendente de certas expressões.

Como se acaba de ver, defeitos e méritos estão de tal modo fundidos e amalgamados entre si que com fantasia quase oriental do conteúdo resultou dessa geminação um "todo" atraente, um "conjunto" genial e grandioso.

A rigor, numa tradução deveriam se reproduzir inclusive os defeitos da obra, porque os defeitos e os próprios erros materiais fazem parte do conjunto estético duma composição literária e constituem sua própria característica; suprimi-los, pois, mesmo por juízo critico, significaria mutilar, deformar, trair substancialmente o espírito integral do texto. Vê-se quão impossível seria pretender que a tradutora tivesse alcançado a meta no caso presente. Ricas em demasia são as criações léxicas de Apuléio para que a tradutora as reproduzisse *ad litteram* em condições filológicas bem diversas, e com faculdades emotivas e intelectuais dispares.

Outro problema era a superabundância dos diminutivos que Ruth Guimarães soube resolver graças à riqueza e variedade das modalidades que a língua portuguesa oferece para produzir sensação idêntica à da pretendida no original. Compreensível é também a questão dos arcaísmos, e evidente a impotência da vernaculização em suas precisões léxicas das longas séries de termos morfológica e fônicamente paralelos e que se enquadram na categoria das aliteraões, rimas e assonâncias; versos intercalados e fórmulas propiciatórias; os *carmina* e *cantamina*, e as palavras taumatúrgicas da arte mágica, tão difíceis enfim de se conciliarem com as exigências do gosto moderno. Não fique, por último, inobservado o insolúvel problema das cláusulas métricas com que os escritores latinos soiam fechar os períodos e às quais Apuléio consagrara tóda a sua arte. Por ser isso propriedade "tóda latina", compreende-se a virtual impossibilidade de reproduzi-las.

O que mais importava na presente tradução era a tonalidade original do texto latino em nada traída por Ruth Guimarães, porque Apuléio, logo na introdução diz: *Lector laetaberis*. A tradutora conseguiu-a através de um estilo

puro, simples e fluente e, no limite do possível, correspondendo sempre à forma expressiva do original, sem contudo ater-se demasiadamente à letra, mas ao seu espírito.

Com esta tradução, a palavra do escritor antigo veio até nós na manifestação escrita com bom gosto e senso e na disciplina mental e formal exigida de um tradutor que deseja tornar moderna uma obra antiga e clássica.

Só quem conhece Apuléio no texto original do romance poderá sentir e perceber de perto as qualidades excepcionais desta tradução e honrar a infatigável Ruth Guimarães não só com a leitura, mas sobretudo com o aprêço justo e merecido da obra que traduziu; os demais poderão, quando muito, gostar ou não do conteúdo do romance, sem jamais ver nêlo o intrincado problema que uma obra da Antigüidade Clássica como esta constitui para quem, como ela, se arrojou a uma tarefa que considero das mais árduas e difíceis.

Esta resenha, à qual arrego tôdas as limitações e deficiências humanas, seja para a tradutora o preito de gratidão, reconhecimento e aprêço de um simples homem de letras, como também de estímulo para novos empreendimentos.

ÊNIO ALOISIO FONDA

MONTES, Hugo — *Poesía Actual de Chile y España* — Presencia de Gabriela Mistral, Pablo Neruda y Vicente Huidobro en la poesía española de hoy. Sayma Barcelona — Ediciones y Publicaciones — s. d. — (1ª ed. — junio de 1963).

Hugo Montes, autor de "Poesía Actual de Chile y España", professor de literatura espanhola e chilena nas Universidades Católica y Austral de Chile, com essa obra faz um esforço para nos mostrar como a poesia de Hispano América, particularmente a chilena, atinge, com alguns poetas, a mesma altura da poesia espanhola.

Na introdução da obra o A. mostra que a partir do enriquecimento e contribuições dadas pelo Nôvo Mundo ao léxico peninsular com a descoberta e conquista da América, esta passa a ser, com todo seu exotismo e interesse para o Velho Continente, fonte de inspiração espanhola, ao mesmo tempo em que, com o nascimento de sua literatura, se processa a integração da mesma ao patrimônio peninsular. A partir das primeiras gerações de "criollos", a América levou até a Espanha, os ecos de sua literatura: "Hay así desde el inicio un maridaje cabal entre las letras peninsulares y las ultramarinas. Aquéllas se complementan en éstas y éstas se generan y desarrollan en las primeras." (p. 13) Esta afirmação do A. nos dá a linha de seu trabalho que é justamente a de mostrar entre as literaturas de língua espanhola os vínculos literários que, originados com a descoberta e conquista da América e continuados mesmo depois da independência das colônias, em meados do século XIX, por ocasião do florescimento da lírica em espanhol, estão em